



## O BRANCO EM QUESTÃO: UMA BREVE PASSAGEM SOBRE OS REFLEXOS DA BRANQUITUDE NA PRÁTICA DOCENTE

Larissa Neves Ferreira<sup>1</sup>

Educação e diferenças

### RESUMO

O presente trabalho visa pincelar algumas discussões a respeito das relações étnico-raciais no ambiente escolar, centrando a reflexão em como a branquitude dos professores pode influenciar o processo de ensino e aprendizagem dos alunos negros, denunciando que tal influencia se demonstra tanto na dimensão material, como na formulação dos currículos e conteúdos a serem mediados, seja na dimensão simbólica, como nos olhares frequentemente estereotipados.

**PALAVRAS CHAVES:** Branquitude. Relações étnico raciais. Cultura escolar. Prática docente.

### INTRODUÇÃO

Cada vez mais o tema "relações étnico-raciais" tem aparecido nos estudos críticos da educação, fruto de muita articulação e reivindicação dos movimentos negros brasileiros. Sabe-se que, historicamente, o debate racial foi tema de muitas pesquisas e publicações, subsidiando políticas públicas de diversos países em contextos pré e pós escravistas, sempre colocando o branco em um lugar de hegemonia e superioridade frente outras raças, ora pelo viés científico, ora pelo viés filosófico. Foi só na segunda metade do século XX que estudos críticos a branquitude hegemônica começam a aparecer, como forma de questionar e exigir reparação histórica aos verdadeiros sujeitos ativos desse profundo processo de diferenciação e opressão racial, ainda resistente na realidade brasileira e do mundo. Autores como Frantz Fanon, Guerreiro Ramos, e Lia Vainer foram fundamentais na elaboração de tal reflexão, além da talvez mais importante parte de tal estudo: o contato direto com a realidade escolar, observando as aulas de História e outros ambientes coletivos do Colégio Herondina Medeiros, localizado no Norte de Florianópolis. A observação sensível das interações entre alunos – alunos e principalmente professores - alunos me permitiu relatar diversos

---

<sup>1</sup> Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Depto. de História, PIBID - História UFSC, larissaneves@gmail.com



casos de racismo naturalizados, bem como as falhas na própria equipe de Apoio Pedagógico no que diz respeito a compreensão desses casos.

## OBJETIVOS

A observação e investigação visam apresentar e aprofundar as reflexões sobre as questões étnico-raciais sob o viés da branquitude, dando o enfoque nos principais responsáveis ou reprodutores da ainda presente diferenciação racial na sociedade brasileira: as pessoas brancas. Entendendo a vida escolar como um momento determinante na constituição da subjetividade, identidade e desenvolvimento de habilidades de todos os sujeitos que compõe a sociedade civil, percebi a necessidade de questionar a branquitude também nesse espaço, onde se nota ainda uma majoritária presença de professores brancos e uma quase nula reflexão de como isso reflete no ensino e aprendizagem de alunos negros, que são quantitativamente maioria na sociedade brasileira.

## REFERENCIAL TEÓRICO

Lia Vainer, uma das principais críticas da branquitude na atualidade, a define como "um constructo ideológico de poder, em que os brancos tomam sua identidade racial como normal e padrão, e desta forma outros grupos aparecerem ora como margem, ora como desviantes, ora como inferiores". Refutando a ideia de neutralidade do professor, visa-se demonstrar que consciente ou subconscientemente, na prática docente, sendo um professor branco, se reproduz diversas percepções de mundo, que por si só são carregadas de visões racistas e colonizadoras sob sujeitos não brancos. Frantz Fanon, explicita que "o racismo e o colonialismo deveriam ser entendidos como modos socialmente gerados de ver o mundo e viver nele". Isso é, o negro não sofre racismo pela quantidade de melanina que possui, mas por uma estrutura de poder que historicamente hierarquizou a vida social e trabalhista por aspectos raciais profundamente difundidos na sociedade. Recorrentemente, ao tratar das questões raciais, o foco central volta-se para as pessoas negras, numa lógica que Edith Piza descreve da seguinte forma: "Não se trata, portanto, da invisibilidade da cor, mas da intensa visibilidade da cor e de outros traços fenotípicos aliados a estereótipos sociais e morais para uns, e a neutralidade racial para outros". É essa neutralidade racial que o presente trabalho visa questionar: colocar o branco em questão, da sua constituição aos meios de reprodução desse discurso, sendo a educação um importante desses meios. Eliane Cavalleiro veemente propõe: "Entrar em um sério debate sobre esses elementos implica a definição de uma política educativa a qual rompa com o status



quo, conteste os fatos de maneira profunda e consciente, evidencie a inexistência de uma democracia racial no país".

## **METODOLOGIA**

O primeiro critério metodológico utilizado foi conversar com colegas e amigos negros a respeito de suas vivências escolares, momento em que diversos relatos em comum apareceram. Tais situações recorrentemente citadas me fizeram dispor toda atenção do tempo em que permanecia no Colégio Herondina Medeiros para analisar as relações interracialis que aconteciam, dentro e fora da sala de aula, onde pude perceber que existem diversas continuidades, mesmo tendo passado mais de 10 anos entre os casos relatados e a atual geração a ser observadas. Também foi aplicado um questionário sócio-cultural estruturado pelos bolsistas do PIBID História UFSC, onde pudemos entender melhor as referências e composições identitárias de cada um dos alunos da turma 94 (9º ano) do Colégio. Tangente a esse processo de observação, a fundamentação teórica foi muito importante na compreensão estrutural de cada situação observada. Além disso, foi marcada uma reunião com a Coordenadora do Apoio Pedagógico e analisadas as proposições do colégio a respeito do combate ao racismo, bem como as atividades já realizadas e expostas pelo colégio.

## **ANÁLISE DE DADOS**

Em linhas gerais, diversos foram os relatos feitos por negros e negras a respeito de sua vivência escolar, onde os mais recorrentemente citados foram a falta de condição material para estudar, a constante percepção de que os professores não acreditavam/não investiam em seu potencial de aprendizagem, o estereótipo do usuário de drogas/bandido/"vagabundo", o estereótipo do negro-vítima, o preterimento afetivo, o racismo institucional (fundamentado numa visão meritocrática de mundo e educação), o racismo por parte dos colegas. Infelizmente a observação feita no semestre de 2017.1 no Colégio Herondina demonstrou diversas continuidades no que diz respeito a vivência escolar de pretos e pretas na atualidade, citados e analisados estruturalmente no decorrer do artigo. No que diz respeito ao questionário sócio-econômico, cabe citar a falta de referências negras nas mais diversas formas de expressão cultural citadas, e principalmente a quase nula autoidentificação negra como resposta no ponto "raça" do questionário, apesar da presença de diversos alunos negros na turma 94. Sobre as propostas do Apoio Pedagógico e as atividades propostas, cabe pontuar a necessidade de aprofundamento do debate a respeito do que é racismo, bem como a forma e no que se manifesta,



principalmente nos âmbitos mais simbólicos. Notou-se uma redução do racismo aos casos de bullying, e o presente artigo visa demonstrar que tal expressão vai muito adiante no cotidiano dos alunos negros e negras.

## RESULTADOS

Pode-se avaliar os resultados como satisfatórios. No âmbito individual, me sensibilizou a pensar a prática docente e a vida pessoal com uma atenta preocupação com os racismos e colonialismos tão profundamente presentes na visão do mundo de nós, brancos, que transcendem a dimensão do palpável, mas que é igualmente possível de observação e repensar. No âmbito coletivo, a produção dessa pesquisa motivou diversos debates dentro das reuniões do PIBID História - UFSC, a nível de alterarmos o eixo do nosso stand na SEPEX (Semana de Ensino, Pesquisa e Extensão, da UFSC) para o viés da branquitude na medição de as questões étnico-raciais na escola, expressando o compromisso do PIBID História com a aplicação da Lei Federal 10.639 e 11.645, além de um projeto de evento sobre branquitude para as licenciaturas do CFH, bastante desfalcada nesse sentido.

## REFERÊNCIAS

CAVALLEIRO, Eliane. Racismo e antiracismo na educação: repensando a escola", Selo Negro Edições, 3ª edição, São Paulo.

FANON, Frantz. Peles negras, máscaras brancas. EDUFBA, Salvador, 2008.

SCHUCMAN, Lia Vainer. Entre o "encardido", o "branco" e o "branquíssimo": raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana. Tese de doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.

PIZA, Edith. Porta de vidro. Entrada para a branquitude. In: CARONE, Iray & BENTO, Maria A. S. (orgs.). A Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e braqueamento no Brasil. Petrópolis: Vozes, 2002.

RAMOS, Alberto Guerreiro. Introdução Crítica à Sociologia Brasileira. Rio de Janeiro: Editorial Andes Ltda, 1957.